

UM ESTUDO DE CONTEXTO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE APLICATIVOS COMO MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS

Márcus Vinícius Vieira Alves¹
José Luiz Vila Real Gonçalves²

RESUMO: Este trabalho visa a apresentar os resultados de uma investigação sobre a viabilidade da utilização de aplicativos para a aprendizagem de inglês como língua estrangeira no segundo ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública do estado de Minas Gerais, Brasil. O referencial teórico consultado está alinhado com o Manifesto Programático da Pedagogia dos Multiletramentos, de Cope *et al.* (2009). Conta, ainda, com ponderações de estudiosos brasileiros que versam

ABSTRACT: This paper aims to present the results of an investigation into the feasibility of using applications for learning English as a foreign language in the second cycle of elementary school in a public institution in the state of Minas Gerais, Brazil. The theoretical framework consulted is in line with the Pedagogy of Multiliteracies, by Cope *et al.* (2009). It also counts on considerations from Brazilian scholars who deal with Remote Education and Blended Learning

¹ Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Ouro Preto (marcus.alves1@ufop.edu.br, Departamento de Letras - Ufop).

² Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor associado da Universidade Federal de Ouro Preto (Departamento de Letras - Ufop).

sobre a Educação Remota e o Ensino Híbrido nos mais variados contextos brasileiros, tais como Menezes (2014), Bacich *et al.* (2015), Moran (2017) e Nascimento (2017). Os voluntários responderam a um questionário eletrônico em que ofereceram informações sobre o contexto escolar em que estudavam no período anterior à pandemia de covid-19 e sobre suas expectativas em relação a uma eventual introdução de aplicativos como materiais didáticos adicionais em sua rotina escolar. Em seguida, os pesquisadores analisaram o quadro geral das respostas, na intenção de obter dados potencialmente pertinentes para o desenvolvimento de uma estratégia de Ensino Híbrido que fosse adequada para o uso de aplicativos na unidade escolar. Os resultados preliminares indicam boa aceitação por parte do corpo discente em relação à introdução de tecnologias digitais em sua escola e reforçam o potencial dos aplicativos como promotores do engajamento estudantil no Ensino Híbrido. O trabalho obedeceu a todas as exigências da legislação nacional referente às investigações científicas com seres humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Aplicativos; Ensino Híbrido; Língua Inglesa; Multiletramentos; TIC.

in the most varied Brazilian contexts, such as Menezes (2014), Bacich *et al.* (2015), Moran (2017) and Nascimento (2017). The volunteers answered an electronic questionnaire in which they offered information about the school context in which they studied in the period before the covid-19 pandemic and about their expectations regarding the eventual introduction of applications as additional teaching materials in their school routine. Then, the researchers analyzed the general picture of the responses, with the intention of obtaining potentially relevant data for the development of a Hybrid Teaching strategy that would be suitable for the use of applications in the school unit. Preliminary results indicate good acceptance by the students in relation to the introduction of digital technologies in their school and reinforce the potential of applications as promoters of student engagement in Blended Learning. The work complied with all the requirements of the Brazilian legislation regarding scientific investigations involving human beings.

KEYWORDS: Applications; Blended Learning; English; Multiliteracies; ICT.

INTRODUÇÃO

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados por uma crise sanitária de proporções globais. A pandemia de covid-19, iniciada pela proliferação do vírus SARS-CoV-2 a partir da cidade de Wuhan, na China, intensificou desafios socioeconômicos que já se apresentavam em todo o globo, em tempos ditos normais. As desigualdades sociais e econômicas foram ainda mais expostas.

A área da Educação talvez tenha sido uma das mais prejudicadas, devido à necessidade do distanciamento físico entre docentes e discentes. Muitas instituições de ensino precisaram adaptar-se de modo brusco para que conseguissem incorporar aos seus planos pedagógicos materiais didáticos digitais que possibilitassem a mediação da aprendizagem.

Em contextos repletos de heterogeneidade e, em muitos casos, de precariedade, multiplicaram-se os esforços para que alunos das mais diferentes realidades tivessem acesso aos conteúdos escolares. Apesar de todas as dificuldades, o campo da Pedagogia, como um todo, mobilizou-se em busca da mitigação dos danos.

O que se fez no período pandêmico foi a Educação remota, sem contato presencial entre docentes e discentes. Foram muitas as adversidades, mas também as oportunidades de aprendizado sobre processos úteis à implantação de metodologias ativas que sejam capazes de amenizar impactos de futuras crises, tais como o Ensino Híbrido, por exemplo.

Neste trabalho, escolhemos ouvir as vozes de alunos de uma escola da rede pública situada no estado de Minas Gerais, durante o período pandêmico. Nosso objetivo principal foi o de descobrir se eles estariam abertos à utilização de aplicativos para a aprendizagem de inglês como língua estrangeira como, por exemplo, o *Cake*³, o *Duolingo*⁴ e o *Hello Talk*⁵. Para tal experiência, convidamos todo o corpo discente matriculado nos anos finais do Ensino Fundamental e obtivemos a participação voluntária de 14 estudantes.

Na metodologia escolhida, os participantes responderam a um questionário eletrônico com dez questões de múltipla escolha, tendo sido informados a eles os endereços de *e-mail* dos pesquisadores e um número de contato por *WhatsApp* para que pudessem interagir conosco, esclarecendo suas dúvidas e acrescentando os comentários que julgassem pertinentes.

³ <https://mycake.me/>

⁴ <https://www.duolingo.com/>

⁵ <https://www.hellotalk.com/>

Para além do nosso escopo principal de investigar se os alunos dispõem de condições tecnológicas adequadas para a utilização dos aplicativos, também objetivamos averiguar se haveria entre eles um real interesse pela implementação de materiais desse tipo em sua rotina escolar. Ademais, fizemos questionamentos sobre a qualidade do seu acesso à Internet e sobre o tipo de dispositivo eletrônico preferidos por eles.

Nossas questões de pesquisa alinham-se com as de autores como Bacich *et al.* (2015) e Moran (2017), que recomendam ao longo de suas obras a execução de estudos sobre cada contexto em que haja potencial para a introdução de uma metodologia ativa com o uso de tecnologias digitais. Nossas principais questões de pesquisa foram:

1. Os participantes demonstrariam interesse por uma experiência em que se empregassem aplicativos para a aprendizagem de inglês em sua rotina escolar?

2. Quais seriam as expectativas dos participantes em relação à melhoria da aprendizagem da língua inglesa, por meio da experiência?

Vale acrescentarmos que adotamos a hipótese de que os aplicativos *Cake*, *Duolingo* e *Hello Talk* talvez possam ser adotados como materiais didáticos adicionais na escola, contribuindo para a motivação dos alunos na medida em que se apresentam como alternativas para que se diversifique a mediação da aprendizagem. Este estudo exploratório justifica-se, portanto, pela necessidade do conhecimento de campo e de contexto, antes da adoção de metodologias ativas como o Ensino Híbrido, por exemplo, com o auxílio de aplicativos, Tecnologias da Informação e Comunicação presentes na contemporaneidade.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho dialoga com a Pedagogia dos Multiletramentos, ao reconhecer a importância da utilização das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) nos processos educativos. Iniciado no ano de 1994, conforme relatam Cope *et al.* (2009: 1), esse movimento pedagógico vem contribuindo há décadas para o campo da Educação, ao promover reflexões sobre as modificações tecnológicas ocorridas desde o final do século XX e sobre os seus potenciais impactos na aprendizagem, como um todo. Para seus idealizadores, não resta dúvida de que os materiais didáticos tendem a modificar-se constantemente, acompanhando as inovações tecnológicas e assumindo novos formatos. É importante, então, que os docentes se preparassem continuamente para a implementação efetiva de novos modos

de mediação educacional, oportunizando a introdução de materiais e métodos que estimulem a autonomia estudantil.

Para os idealizadores da Pedagogia dos Multiletramentos, um dos caminhos para o estímulo à autonomia estudantil é a hibridização, ou seja, é a adoção combinada de variados materiais didáticos que fomentem nos estudantes o desejo pela descoberta, dentro e fora do ambiente escolar. Surge, assim, a ideia das metodologias ativas, tais como as descritas na obra de Moran (2017). Nelas, o aluno é colocado na posição de protagonista da própria aprendizagem, com o auxílio do professor-mediador.

O Ensino Híbrido é uma metodologia ativa, conforme Christensen *et al.* (2013: 1). Nele, o discente aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino remoto, geralmente *online*, tendo autonomia para controlar seu tempo e escolher o local e a forma como estuda. Porém, também deve frequentar uma localidade física supervisionada, fora de sua residência. Essa alternância entre o estudo remoto e o presencial torna o processo da aprendizagem mais dinâmico.

Nos instantes em que se dedica aos seus estudos na ausência física do professor, o discente pode utilizar materiais didáticos digitais, tais como um aplicativo (ou *app*), por exemplo, explicado por Alves (2021: 76) como sendo um programa de computador (*software*) que se instala em dispositivos móveis.

Os aplicativos utilizados como exemplos nesta investigação, *Cake*, *Duolingo* e *Hello Talk*, destinam-se à aprendizagem de línguas estrangeiras. Os três estão alinhados com a Pedagogia dos Multiletramentos e com outras filosofias de ensino que colocam o professor na posição de mediador da aprendizagem - e não como um mero instrutor ou aplicador de conteúdos.

Os aplicativos destinados à aprendizagem de línguas, de um modo geral, vêm ganhando destaque nos últimos anos. Alves (2021: 77) aponta o *Duolingo*, o *Hello Talk* e o *Rosetta Stone* entre os mais proeminentes, com base no número de usuários. Fraga (2018) reforça que o *Duolingo* já contava com mais de 300.000.000 de usuários em todo o mundo, dois anos antes do início da pandemia de covid-19. Praciano (2020) informa que, no período pandêmico, o *app* chegou aos 500.000.000 de *downloads*, sendo mais de 30.000.000 apenas no Brasil. O resultado do teste de proficiência produzido pelos seus desenvolvedores já é aceito por algumas instituições de ensino para o ingresso de estudantes estrangeiros. Maggi (2019) menciona a *Harvard Extension School* como exemplo. Os três aplicativos mencionados neste trabalho demonstram ter potencial para a utilização em metodologias ativas também por serem de utilização gratuita, o que lhes confere certo caráter inclusivo, socioeconomicamente falando.

Nascimento (2017: 36) elenca os benefícios da utilização de aplicativos instaláveis em dispositivos móveis para a melhoria da aprendizagem de Língua Inglesa. Entre eles, destaca a expansão da capacidade de alcance da Educação, a possibilidade da personalização da aprendizagem e a geração de comunidades virtuais de aprendizes, podendo-se pensar, ainda, na mitigação de danos provocados pela interrupção do ensino em áreas de conflito, por exemplo. Neste trabalho, buscamos mais um caminho para o contorno de crises que possam eventualmente conduzir as sociedades à adoção de novos distanciamentos sociais.

O referencial teórico escolhido por nós menciona dificuldades que podem atravancar tal tipo de proposta pedagógica, como os descritos ao longo das obras de Bacich *et al.* (2015) e em Moran (2017). A carência de equipamentos e a falta de uma conexão satisfatória com a Internet estão entre elas. Portanto, pesquisas que ajudem na identificação dessas adversidades são relevantes para a melhoria do conhecimento sobre os diferentes contextos educacionais.

Em nossas análises, lançamos mão de alguns autores que versam sobre a Psicologia da Educação. Entre eles, apontamos Vygotsky (2003) e Piaget (*apud* Munari, 2010), desenvolvedores de teorias clássicas como o Sociointeracionismo e o Construtivismo, respectivamente, tratando da importância da interação e da autonomia estudantil para a aprendizagem. Enquanto o psicólogo bielorusso Lev Vygostky acreditava na interação como um dos principais motores da aprendizagem, o suíço Jean Piaget apostava, em especial, na autonomia discente.

2. METODOLOGIA

Os dados deste estudo exploratório foram gerados por meio do preenchimento de um questionário eletrônico por 14 estudantes voluntários, elaborado na plataforma *Google Forms*, uma ferramenta digital disponibilizada gratuitamente pelo grupo empresarial *Google*⁶.

O questionário foi aplicado no mês de julho de 2021, com as devidas autorizações da gestão da unidade escolar em que os voluntários estavam matriculados, obedecendo-se à legislação vigente e após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto (CAAE: 45509021.8.0000.5150). Os voluntários, pertencentes à faixa etária dos 12-13 anos, sendo 7 deles discentes do sétimo ano e 7 discentes do oitavo ano do Ensino Fundamental, responderam a 11 perguntas objetivas. Foram informados a eles os contatos dos pesquisadores (endereços de *e-mail* e

⁶ <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

números de *WhatsApp*), a fim de que pudessem dirimir quaisquer dúvidas que adviessem durante os trabalhos.

As respostas foram analisadas em agosto de 2021, ainda dentro do período pandêmico, para que obtivéssemos uma noção o mais aproximada possível dos entraves que poderiam ocorrer em relação a eventuais dificuldades de conexão com a Internet ou à carência de equipamentos eletrônicos.

Pretendíamos conhecer as expectativas dos estudantes em relação à possibilidade da utilização dos aplicativos *Cake*, *Duolingo* e *Hello talk* enquanto materiais didáticos digitais. Almejávamos descobrir os sentimentos dos alunos em uma situação real de Educação Remota, uma vez que o distanciamento social se impunha naquele instante e o contato presencial entre docentes e discentes era impossível. As respostas também foram analisadas em busca da descoberta de eventuais problemas com os equipamentos eletrônicos escolhidos pelos participantes e/ou com a sua conexão à rede mundial de computadores.

3. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os dados gerados por meio das respostas ao questionário foram organizados em gráficos e analisados de acordo com as ponderações dos autores mencionados em nosso referencial teórico.

As subseções a seguir tratam, principalmente:

- . da percepção dos discentes em relação ao modo como vinham estudando a língua inglesa na escola, antes da pandemia de covid-19;
- . do modo como preferiam conectar-se à Internet;
- . das eventuais dificuldades tecnológicas encontradas pelos discentes;
- . das expectativas dos alunos em relação à introdução, na escola, de aplicativos desenvolvidos para a aprendizagem de inglês como língua estrangeira.

3.1 PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AOS MATERIAIS DIDÁTICOS TRADICIONAIS

A primeira pergunta referia-se ao sentimento dos alunos no tocante aos temas presentes nos livros por meio dos quais estudavam, antes do período pandêmico. O intuito aqui era o de gerarmos dados para comparações futuras, caso os aplicativos fossem introduzidos, de fato, em um plano pedagógico.

57,1% dos respondentes consideraram os materiais didáticos tradicionais bastante interessantes; 28,6%, pouco interessantes. Houve empate entre aqueles que os consideraram nada ou muito interessantes.

Em 2020, novos livros foram introduzidos na unidade escolar, mas os estudantes não tiveram tempo para utilizá-los em sala de aula, devido à pandemia de covid-19. Portanto, não podemos considerar entre os materiais didáticos tradicionais os novos livros adquiridos pela escola, agora elaborados de acordo com as recomendações da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

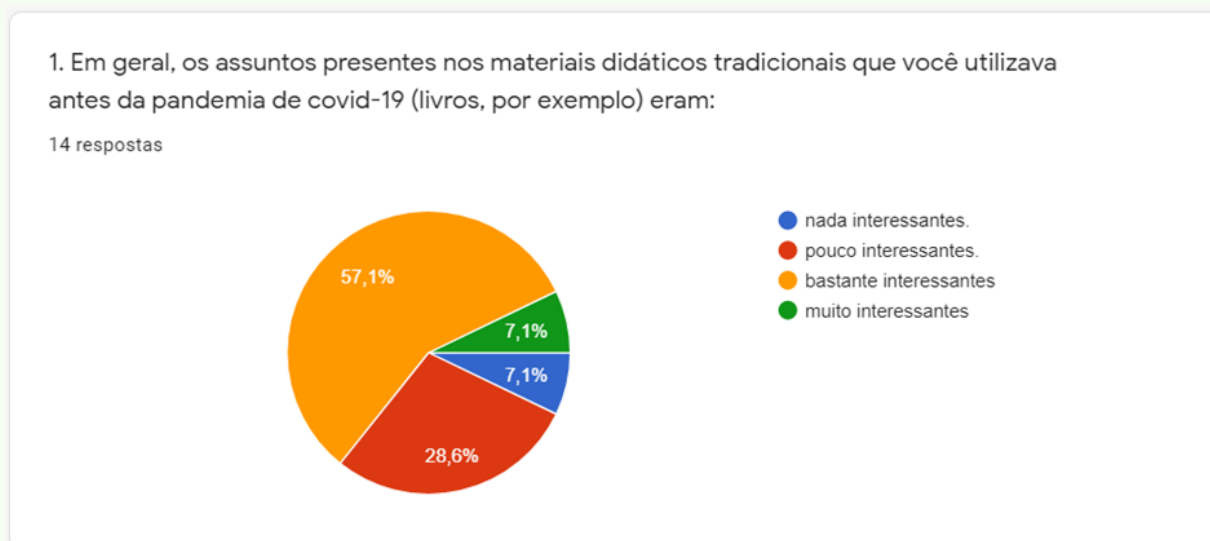


Gráfico 1: Opiniões sobre os temas abordados

3.2 PERCEPÇÕES RELATIVAS À PROMOÇÃO DA INTERAÇÃO

Através das respostas à segunda pergunta, aspirávamos a entender em que medida os materiais didáticos tradicionais vinham promovendo a interação entre os discentes.

A opção com o maior número de escolhas (35,7%) aponta para a satisfação dos discentes com o modo como os materiais didáticos tradicionais estimulam a interação entre eles. Em segundo lugar (28,6%) posicionam-se os estudantes que o julgam insuficiente. O número de participantes que afirmam que os materiais didáticos tradicionais não promovem em nada a interação entre os alunos é o terceiro mais expressivo (21,4%), restando 14,3% de estudantes que parecem aprovar, de fato, a capacidade de livros e apostilas para estimular a interação entre eles.

Surge aqui um empate interessante. Somando-se as respostas daqueles que consideraram **suficiente** ou **boa** a capacidade de livros e apostilas para o estímulo à interação entre os discentes, obtém-se um total de 50% dos

pesquisados. Ou seja, um percentual idêntico ao da soma entre as respostas relativamente negativas. A análise do gráfico deixa, então, ainda pairar a dúvida sobre se os materiais didáticos tradicionais já se adaptaram ou não para atender aos anseios de autores como Vygotsky (2003), por exemplo, que recomenda ao longo de toda a sua obra que a aprendizagem precisa ser entendida como um processo social, baseada na interação entre indivíduos advindos de diferentes contextos.

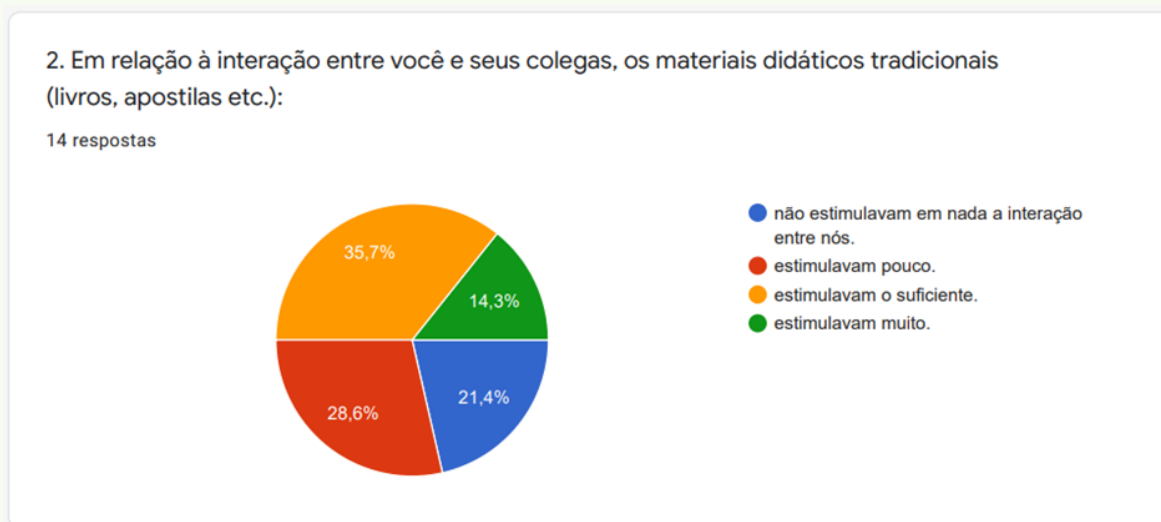


Gráfico 2: Vozes dos alunos sobre o estímulo à interação

Consideramos a interação como um dos pilares da aprendizagem, concordando com os produtores da Pedagogia dos Multiletramentos, citada no referencial teórico deste trabalho, e com as ideias que permeiam os escritos de Vygotsky (2003). A leitura dos textos do pai do Sociointeracionismo conduz-nos à conclusão de que a aprendizagem deve ser entendida como um processo proveniente, em grande parte, da interatividade.

Reconhecemos o livro didático e as apostilas como elementos indispensáveis em inúmeras abordagens, principalmente nos locais em que eventuais precariedades possam impedir o uso de tecnologias dependentes da Internet. As mídias digitais aqui em análise não substituem as tecnologias mais antigas, tais como livros, cadernos e lápis. Vêm, na verdade, para enriquecer o arsenal pedagógico.

3.3 PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES EM RELAÇÃO AO SEU DESEJO DE INTERAGIR

Ainda tratando da interação, debruçamo-nos na terceira pergunta sobre o desejo dos estudantes pela aprendizagem em grupo.

7,1% dos voluntários afirmaram não apreciar a interação com colegas, durante os estudos, especificamente. Contudo, não dispensam o auxílio do professor. Houve empate entre os que preferem estudar sozinhos e aqueles que não têm uma preferência (28,6%). A maioria dos respondentes (35,7%) afirmou preferir trabalhos coletivos.

O fato de tantos participantes terem apontado os colegas como colaboradores importantes para o processo de aprendizagem reforça as afirmações de Vygotsky (2003) sobre a validade da interação, em si. O professor aparece nas respostas como apoiador principal da minoria dos estudantes. Isso não significa, necessariamente, que o docente é dispensável. As respostas apenas indicam que ele não é visto como a principal fonte do conhecimento. Esse é um bom sinal.

No Ensino Híbrido, a autonomia estudantil e a interação entre os alunos são desejáveis. O professor deve, nesse tipo de metodologia ativa, posicionar-se como um mediador. Ele está disponível para auxiliar os aprendizes quando requerem ajuda, mas nunca age como um mero instrutor.

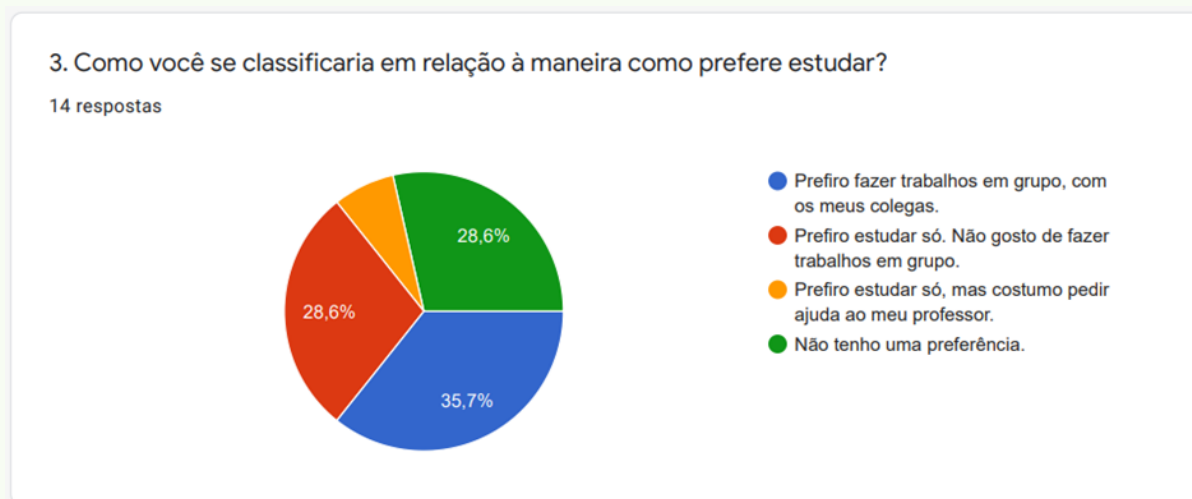


Gráfico 3: Preferências no modo de estudar

3.4 PERCEPÇÕES DOS DISCENTES EM RELAÇÃO À ATUAÇÃO DOCENTE

As respostas à pergunta anterior indicam que o professor não é um sujeito dispensável. Consideramos o seu papel enquanto mediador imprescindível nas metodologias ativas. Na quarta pergunta, indagamos os aprendizes sobre suas percepções acerca da atuação docente.

A maioria dos respondentes (57,1%) parece ter a impressão de que as aulas anteriores ao período pandêmico eram estáticas e, ainda, de que o professor tendia a colocar-se mais como um instrutor do que como um mediador. Não sabemos se as respostas derivam de uma visão tradicional arraigada no imaginário dos estudantes ou se, de fato, os docentes da unidade escolar ainda não acatavam as sugestões da Pedagogia dos Multiletramentos, por exemplo. Embora não faltem trabalhos que versam sobre os novos rumos da Educação, ainda há professores resistentes às mudanças, como lembram Bacich *et al.* (2015), ao longo de sua obra sobre o Ensino Híbrido.

Apenas 21,4% dos pesquisados responderam que o professor se colocava na posição de observador/ouvinte, enquanto os alunos discutiam entre si. Estamos convencidos de que o papel do docente deve ser de mediador, conforme recomenda Piaget (*apud* Munari, 2010), defendendo a importância da autonomia e do protagonismo estudantil.

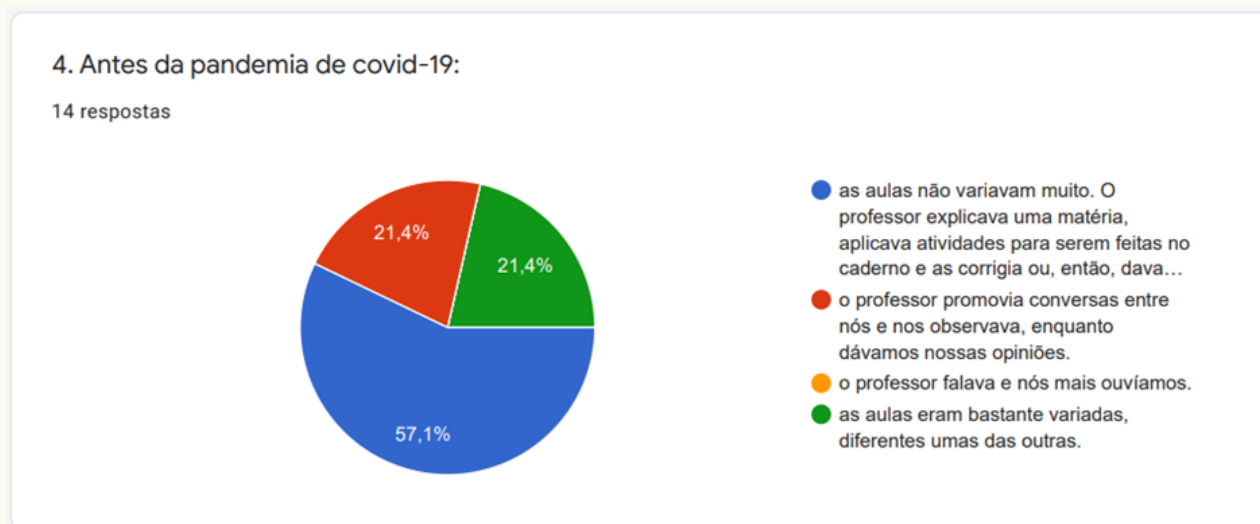


Gráfico 4: Atuação docente, nas metodologias tradicionais

3.5 PERCEPÇÕES DOS DISCENTES EM RELAÇÃO À PROMOÇÃO DO USO DAS TIC NA UNIDADE ESCOLAR

A partir das respostas à quinta pergunta, pretendíamos obter informações sobre a frequência com que os professores recomendavam o uso das TIC aos alunos, antes do período pandêmico.

35,7% dos alunos relataram que, esporadicamente, usavam algum tipo de TIC por recomendação docente. De acordo com 7,1% dos pesquisados, o uso de mídias digitais por orientação docente era rotineiro, antes da pandemia de covid-19. A maior parte dos respondentes (57,2%) declarou que sugestões para que os alunos utilizassem mídias como aplicativos e *podcasts*, por exemplo, eram **raras** ou **inexistentes**.

Várias são as explicações para que os professores não tenham indicado as TIC como materiais didáticos alternativos de modo satisfatório, antes do período pandêmico. Precariedades de variados tipos poderiam ser apontadas, caso fosse esse o escopo principal desta pesquisa. Porém, vale destacarmos que linguistas e pedagogos brasileiros, tais como Campos *et al.* (1990), já vinham alertando para a necessidade de uma preparação para o uso efetivo de inovações tecnológicas na Escola, décadas atrás.

Tomamos emprestadas as considerações de Ribeiro (2020 : 17), quando a pesquisadora afirma que nosso sistema educacional já poderia estar preparado para a implantação das novidades muito antes da pandemia de covid-19. É importante destacarmos que a autora não culpa os professores, especificamente.

Um ano antes do início da pandemia provocada pelo SARS-CoV-2, Carneiro et al. (2018) publicaram uma pesquisa sobre as possibilidades da utilização das TIC como apoios pedagógicos. Em seu trabalho, os autores demonstraram que o Google Sala de Aula, por exemplo, já era acessível tanto para alunos quanto para professores. Alertavam, mais uma vez, para a acelerada mudança no perfil dos discentes, cada vez mais interessados pela diversificação dos materiais didáticos. Muitos estudantes já tinham acesso aos meios necessários para testes com aplicativos, conforme demonstrou a Pesquisa TIC Domicílios realizada em 2019:

O celular é o principal dispositivo para acessar a Internet, usado pela quase totalidade dos usuários da rede (99%). A pesquisa ainda aponta que 58% dos brasileiros acessam a rede exclusivamente pelo telefone móvel, proporção que chega a 85% na classe DE. O uso

exclusivo do telefone celular também predomina entre a população preta (65%) e parda (61%), frente a 51% da população branca.

NIC.BR (2020: 1)



Gráfico 5: Uso das TIC antes da pandemia de covid-19

3.6 PERCEPÇÕES DOS DISCENTES EM RELAÇÃO À PRÓPRIA TENDÊNCIA PARA O ENGAJAMENTO

Com os dados gerados pelas respostas à sexta pergunta, desenhamos um gráfico em que se apresentam os perfis dos voluntários em relação ao modo como se imaginavam utilizando aplicativos em uma eventual experiência sugerida pela escola.

50% dos participantes informaram que prefeririam fazer atividades nos aplicativos todos os dias, ininterruptamente. 28,6% pretendiam exercitar-se mais de quatro vezes por semana. 14,3%, menos de quatro vezes por semana. 7,1% afirmaram não ter paciência para realizar atividades de modo ininterrupto.

Consideramos os dados animadores. Somando a porcentagem daqueles que prefeririam fazer atividades todos os dias com a daqueles que prefeririam realizá-las mais de quatro vezes por semana, obtivemos um total de 78,6%. Acreditamos em que esse desejo pelo engajamento tem potencial para vir a converter-se em uma melhoria significativa na aprendizagem do inglês.

6. De que maneira você acha melhor estudar com um aplicativo para a aprendizagem de inglês?

14 respostas

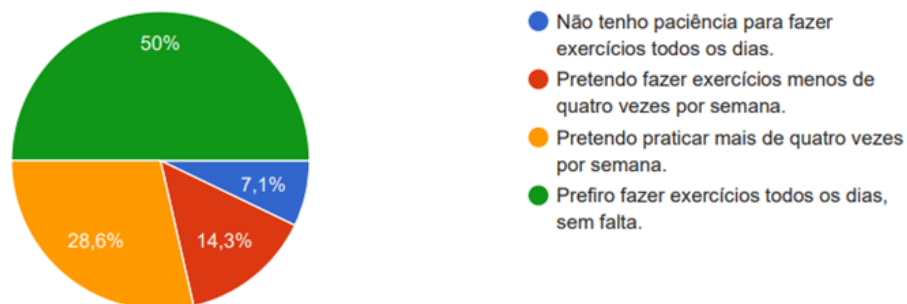


Gráfico 6: Frequência da utilização de aplicativos para a aprendizagem de inglês

3.7 PERCEPÇÕES EM RELAÇÃO À FACILIDADE DE MANUSEIO DAS MÍDIAS DIGITAIS EM ANÁLISE

Ao analisarmos as respostas à sétima pergunta, descobrimos um pouco mais sobre o grau de facilidade/dificuldade dos voluntários para o manuseio de aplicativos.

71,4% dos pesquisados declararam não ter dúvidas em relação ao manuseio de aplicativos. 28,6% as têm, às vezes, mas interagem com o professor ou com os colegas em busca de maiores esclarecimentos. Nenhum dos respondentes afirmou que considerava difícil a utilização de um *app*.

A Pesquisa TIC Domicílios 2019 (NIC.BR, 2020: 1) aponta que a maior parte dos alunos brasileiros já se apropriou das tecnologias digitais mais comuns. Portanto, restam poucas razões para que elas não sejam, de alguma forma, incorporadas a estratégias pedagógicas como materiais didáticos alternativos.

Se é verdade que não podemos nos entregar à ingenuidade da crença em que a inclusão digital é uma realidade absoluta no Brasil, também é verdade que ela, no contexto da realização deste trabalho, especificamente, aparenta existir em um grau considerável. Desde o início da pandemia de covid-19, quando fomos forçados ao afastamento social, o uso de aplicativos tornou-se

rotineiro e possibilitou a interação entre os professores e alunos da nossa comunidade escolar. Graças ao *WhatsApp*, por exemplo, pudemos adiar a volta às aulas presenciais e resistir a certas pressões, até que o processo de vacinação avançasse. Em nossa rotina pedagógica, tomamos conhecimento de casos de estudantes que não conseguiam assistir a um vídeo longo ou, ainda, que não podiam participar de aulas ao vivo pelo *Google Meet*, devido à ausência de uma boa conexão com a Internet. Os aplicativos, nesse cenário, demonstraram uma importante vantagem: a do baixo consumo de dados de conectividade.

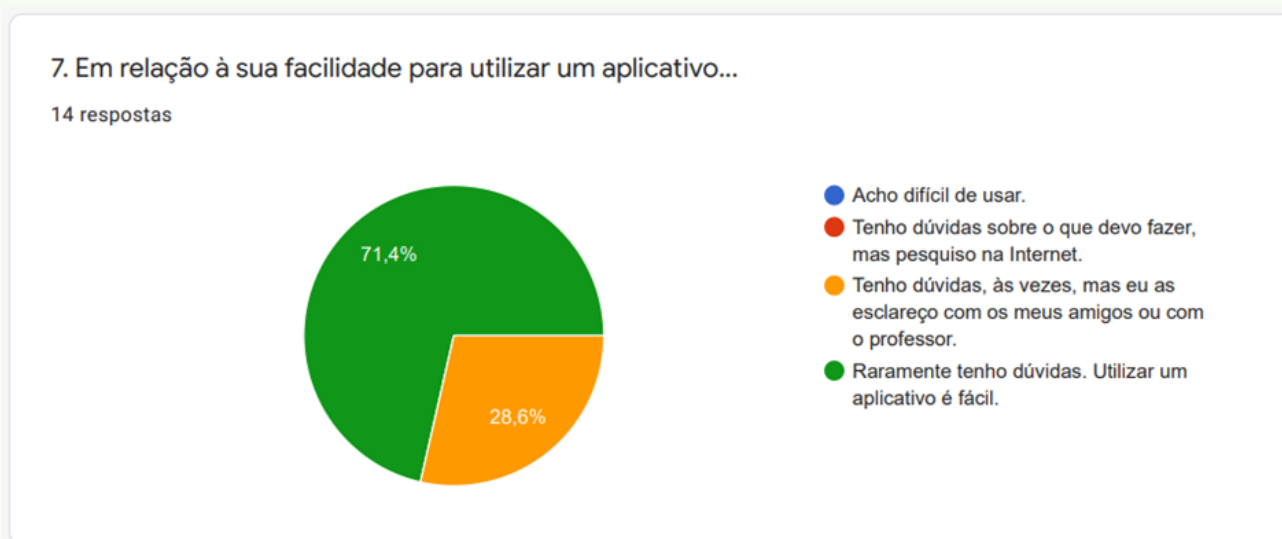


Gráfico 7: Grau de facilidade/dificuldade de utilização de apps

3.8 PERCEPÇÕES SOBRE AS DIFICULDADES NAS HABILIDADES EM INGLÊS

As respostas à oitava pergunta revelaram as principais dificuldades dos discentes em relação à língua inglesa, em si.

7,1% alegaram ter dificuldades múltiplas. Houve empate (28,6%) entre os que relataram possuir dificuldades específicas para entender o que ouvem e aqueles que não compreendem bem o que leem. Os maiores desafios, de acordo com 35,7% dos pesquisados, ligam-se à habilidade da fala, especificamente.

A Base Nacional Comum Curricular traz orientações específicas para as ações docentes, a fim de que se desenvolvam as principais competências e habilidades em inglês para cada ano escolar. A habilidade **EF08LI07**, por

exemplo, trata da exploração de ambientes virtuais e/ou aplicativos (BRASIL, 2017: 257). O uso de novas tecnologias que demonstrem alguma potencialidade para facilitar a aprendizagem é estimulado ao longo de todo esse documento. Explicitamente, como na habilidade utilizada como exemplo, ou de modo implícito.

Os aplicativos selecionados para este estudo possuem atividades direcionadas para o desenvolvimento da produção oral, por exemplo. Em especial, o *Hello Talk*. O *Cake* e o *Duolingo* também contam com tarefas desenhadas para o aprimoramento da fala - que é um ponto sensível, de acordo com as respostas oferecidas pelos participantes desta pesquisa.

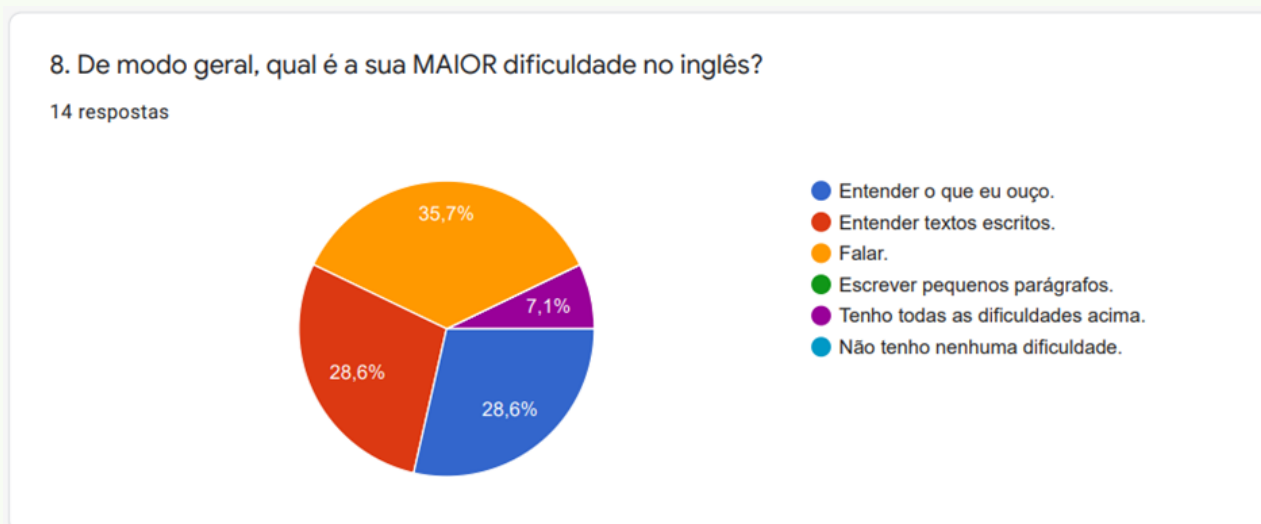


Gráfico 8: Pontos a serem aprimorados

3.9. INFORMAÇÕES DOS DISCENTES SOBRE SEUS OUTROS MODOS DE ESTUDO DO INGLÊS

Perguntamos aos participantes se eles assistiam a aulas de inglês fora da escola. A maioria (71,4%) afirmou nunca ter frequentado um curso. 21,4% informaram que utilizavam a Internet para a aprendizagem do idioma. Apenas 7,2% responderam que faziam aulas em um curso livre.

Os dados obtidos a partir das respostas à décima pergunta do questionário apenas complementaram as informações conseguidas por meio da nona pergunta: aqueles alunos que afirmaram estudar inglês em um curso livre disseram que o faziam havia menos de dois anos.

9. Você já fez ou faz algum curso de inglês fora da escola (Wizard, Number One, CCAA, Fisk, CNA, com professor particular, em um canal na Internet etc.)?

14 respostas

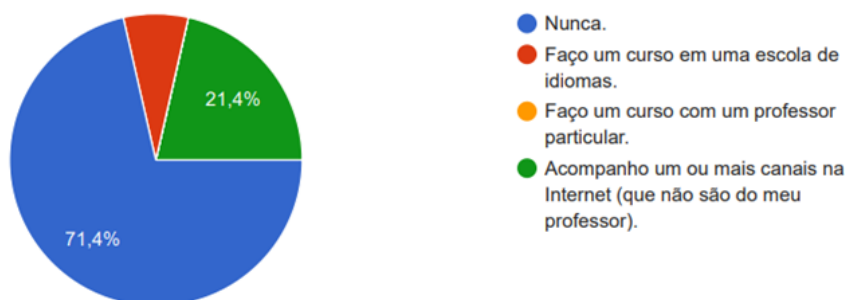


Gráfico 9: Aprendizagem do inglês fora da escola

3.10 EXPECTATIVAS DOS DISCENTES

A última pergunta do questionário visava à captação das expectativas dos participantes em relação à possibilidade da utilização de aplicativos como materiais didáticos de apoio.

85,7% dos alunos declararam acreditar que a utilização de aplicativos para a aprendizagem de inglês poderia provocar muitas melhorias na aprendizagem do idioma. 7,1% não souberam responder e 7,1% demonstraram ter poucas expectativas. Nenhum discente respondeu que a utilização dos aplicativos não provocaria nenhuma mudança.

O interesse dos estudantes e o entusiasmo provocado pela experiência com o novo são os primeiros passos para a promoção do engajamento, conforme afirma Moran (2017: 23). Os resultados apontados pelo trabalho de Nascimento (2017: 59-60), mencionado em nosso referencial teórico, indicam que o uso de aplicativos tem potencial para contribuir para o aumento do engajamento estudantil.

11. Você acha que o uso de um aplicativo pode fazer alguma diferença para a sua aprendizagem de inglês, quando comparado aos materiais didáticos tradicionais?

14 respostas

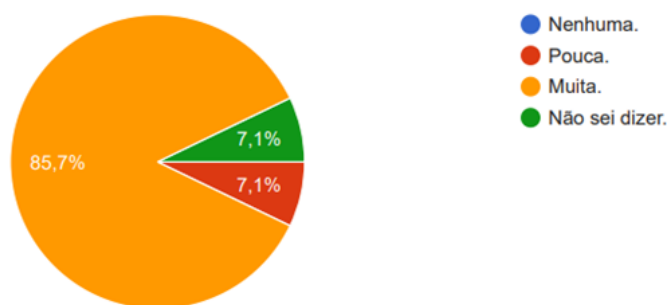


Gráfico 10: Possíveis melhorias

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo principal de investigar se os participantes deste estudo demonstrariam interesse pela implementação de aplicativos em sua rotina escolar foi atingido. As respostas ao questionário indicam que sim. A análise dos dados conduz-nos à impressão de que existe receptibilidade por parte do corpo discente em relação à utilização de mídias digitais na Educação.

Embora os dados obtidos nesta pesquisa não permitam a afirmação categórica de que aplicativos como o *Cake*, o *Duolingo* e o *Hello Talk* poderiam ser usados como materiais didáticos de apoio para atividades remotas, dentro do Ensino Híbrido, a receptibilidade dos alunos em relação ao uso das TIC talvez se configure como um primeiro passo para o desenvolvimento de estratégias que incluam *apps*.

Os primeiros gráficos demonstram que, antes do período da pandemia de covid-19, ainda que já houvesse orientações neste sentido, poucas eram as propostas de implementação real de metodologias ativas mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação, na unidade escolar em pauta. Isso talvez se deva a eventuais precariedades alheias à vontade dos professores. Esta investigação concentrou-se em um ambiente escolar bastante específico. Conforme explicitado na seção de metodologia, trabalhamos apenas com alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, em uma única escola municipal da rede pública de ensino do estado de

Minas Gerais. Ainda assim, enfrentando os entraves de uma conjuntura especial em que se impunha o distanciamento físico obrigatório entre professores e alunos.

Levando em consideração a variedade socioeconômica e cultural existente no Brasil, não podemos responder, apenas por meio deste trabalho, por todas as conjunturas escolares em que a língua inglesa é aprendida. Este estudo concentrou-se sobre um contexto específico.

Nosso papel aqui é o de agregar mais informações ao quadro geral dos trabalhos científicos sobre o uso das TIC na Educação, convidando mais pesquisadores a se debruçarem sobre o tema. O Ensino Híbrido abre espaço para o emprego de inúmeras mídias digitais para a mediação de atividades pedagógicas, mas cada ambiente para o seu emprego deve ser estudado minuciosamente, a fim de que seus objetivos se concretizem, de fato.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. V. V. Aplicativo para a aprendizagem de línguas. In: CORRÊA, H. T.; RIBEIRO, A. E. (org.). **Uma Pedagogia dos Multiletramentos: desenhando futuros sociais**. Belo Horizonte: LED, 2021.

BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. M. (org.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na Educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 8 jun. 2021.

CAMPOS, G. H. B.; ROCHA, A. R. **Manual para a avaliação da qualidade de software educacional: relatório técnico do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação**. Rio de Janeiro: UFRJ, COPPE, 1990.

CARNEIRO, J. R. S.; LOPES, A. S. B.; NETO, E. B. C. **A utilização do Google Sala de Aula na Educação Básica: uma plataforma pedagógica de apoio à Educação Contextualizada. 2018**. Disponível em: file:///C:/Users/grama/Downloads/A_utilizacao_do_Google_Sala_de_Aula_na_Educacao_Ba.pdf. Acesso em: 10 out. 2021.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Ensino híbrido: uma inovação disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. 2013. Disponível em: <https://porvir.org/wp->

content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf. Acesso em: 16 set. 2021.

COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies: new literacies, new learning**. London: Routledge, 2009.

FRAGA, Nayara. Como o *Duolingo* chegou a 300 milhões de downloads sem propaganda nenhuma. **Época Negócios**. Matéria atualizada em 25 out. 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/10/como-o-duolingo-chegou-300-milhoes-de-downloads-sem-propaganda-nenhuma.html>. Acesso em: 17 out. 2020.

HIGASHI, E. M.; NOGUEIRA, C. S.; SILVA, J. C.; SUTIL, N. *Student engagement and contemporary themes approach: structural, curricular and methodological challenges*. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 5, n. 1 : 1-19, jan./abr. 2020.

MAGGI, Leticia. Você sabia? *Harvard Extension School* aceita teste de inglês do *Duolingo*. **ESTUDARFORA.ORG**. Matéria publicada em 15 mar. 2019. Disponível em: <https://www.estudarfora.org.br/teste-de-ingles-de-us-20-a-harvard-extension-school-aceita/>. Acesso em 12 dez. 2020.

MENEZES, V. L. **Aquisição de segunda língua**. São Paulo: Parábola, 2014.

MORAN, J. Metodologias ativas e modelos híbridos na Educação. In: YAEGASHI, Solange et al. (org.). **Novas tecnologias digitais: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017, p. 23-35.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MUNARI, A. **Jean Piaget**. Recife: Massangana, 2010.

NASCIMENTO, K. C. **O uso de aplicativos móveis como ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa**. João Pessoa: UFPB, 2017.

NIC.br. **Três em cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa TIC Domicílios 2019**. Matéria publicada em 26 maio 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tres-em-cada-quatro->

brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/. Acesso em 16 dez. 2020.

PRACIANO, Daniel. *Duolingo* atinge 500 milhões de *downloads* em todo o mundo. **Diário do Nordeste**. Matéria publicada em 30 nov. 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opiniao/colunistas/daniel-praciano/duolingo-atinge-500-milhoes-de-downloads-em-todo-o-mundo-1.3016061>. Acesso em: 12 dez. 2020.

REEVES, T. C. *Evaluating what really matters in computer-based Education*. **Eduworks.com**. 1998. Disponível em: <https://eduworks.com/Documents/Workshops/EdMedia1998/docs/reeves.html>. Acesso em: 16 set. 2021.

RIBEIRO, A. E. Que futuro redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras, Pau dos Ferros**, v. 9 : 1-19, 2020.

VYGOTSKY, L. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.